

# Transgressões do Nu Feminino na Fotografia Contemporânea

## *Female Nude Transgressions in Contemporary Photography*

Isabella Cardoso Gusmão, Tarcisio Torres Silva

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

Centro de Linguagem e Comunicação – Faculdade de Jornalismo

isabella.cg97@gmail.com, tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

**Resumo.** Em meio a “transestética”, a estetização de tudo, o sentimento de que tudo pode ser alcançado e a obrigação de sempre obter sucesso em todas as áreas da vida, gera uma sociedade positiva em excesso, marginalizando pessoas fora dessa ilusória perfeição. Esse trabalho analisa obras de quatro fotógrafos contemporâneos em relação a mulheres obesas ou idosas: Fernanda Magalhães, Yossi Loloi, Anastásia Pottinger e Erwin Olaf. Busca-se entender quais as características estéticas presentes nas fotografias, quais sensações provocam no observador e quão transgressora é a obra em relação aos padrões de representação na mulher.

**Palavras-chave:** Obesidade, Velhice, Arte, Mulher, Fotografia.

**Abstract.** The society “transesthetics” aestheticizethe everything, It produces feeling that “Yes, We can” and It produces obligation to always succeed in all areas of life. This society generates a positive excess society, It excludes people when They’re out of this illusory perfection. This search analyzes the works of four contemporary photographers in relation to obese or elderly women: Fernanda Magalhães, Yossi Loloi, Anastásia Pottinger and Erwin Olaf. It seeks to understand the aesthetic characteristics present in the photographs, what sensations they provoke in the observer and how much transgressive the work is in relation to the patterns of representation in the woman.

**Key words:** Obesity, Old age, Art, Woman, Photography.

Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística  
Edição Temática em Comunicação, Arquitetura e Design  
Vol. 8 Nº 4 – (Junho) de 2019, São Paulo: Centro Universitário Senac  
ISSN 2179-474X

Portal da revista: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/>  
E-mail: revistaic@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional 

## **Introdução**

No decorrer da história da Arte ocidental a preocupação com o corpo sempre esteve presente nos temas abordados pelos artistas de cada época. Essa preocupação permanece também nos dias atuais, por ser um tema atemporal e que influencia a vida em sociedade. O corpo está presente nos debates sobre saúde, qualidade de vida, estética, beleza e realizações tanto no âmbito pessoal (sexualidade, bem-estar) quanto no social (admiração e "boa" imagem).

A fim de observar contrapontos com relação à estética dominante na sociedade contemporânea, foram selecionados neste trabalho quatro artistas, Fernanda Magalhães, Yossi Loloi, Anastasia Pottinger e Erwin Olaf, que propõem uma visão diferente sobre a ideia negativa da velhice e da obesidade por meio da representação da mulher obesa e idosa nua em ensaios fotográficos.

Serão analisados os elementos da fotografia que propõem a crítica social e a forma como contribuem para a quebra ou a reafirmação desses padrões. Para tanto, serão observados as intenções do artista e os resultados de suas contribuições, com as análises de alguns dos trabalhos das séries citadas.

### **1.A preocupação com a perfeição do corpo: contextualização teórica**

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) falam sobre a era da Transestética, uma superabundância ou inflação estética. Um mundo no qual a arte e a harmonia se infiltram no comércio, nas indústrias de consumo e até mesmo nas relações sociais e no corpo. Os objetos usuais são revestidos de "look" e "estilo", as lojas, bares, hotéis e restaurantes são personalizados para parecerem cenários cinematográficos, movimento que os autores nomeiam de "disneyficação" (Lipovetsky e Serroy, 2015, p.29). Esse processo não ocorre só nos seres inanimados. Os seres humanos cada vez mais estão sendo "disneyficados", transformando-se em cópias do mundo glamouroso das telas, o que interfere muito na relação com o próprio corpo, formando os "indivíduos estéticos" ou "transestéticos". Cada coisa torna-se estética e adquire "valor de exposição", construída para ser exposta, inclusive o formato do corpo é pensado para ser exposto. Lipovetsky e Serroy (2015, p.32) dizem que: "a vida estetizada pessoal aparece como o ideal mais comumente compartilhado da nossa época: ele é a expressão e a condição do incremento do hiperindividualismo contemporâneo".

Nesse ideal estético, prevalece a vida de prazeres e novas sensações, mas também exige sucesso, excelência e eficiência nas atividades sociais. A imagem de qualidade de vida parece aumentar à medida que a efetiva qualidade de vida diminui. O imperativo social sobre ter saúde, realizações profissionais, pessoais e tempo para experiências passa a impressão de uma vida harmoniosa, bela e perfeita, mas na verdade é uma eterna competição. E a ideia de que a beleza salvará o mundo, é ilusão. "Salta aos olhos que a vida numa sociedade estética não corresponde às imagens de felicidades e de beleza que ela difunde em abundância no cotidiano" (LIPOVETSKY e SERROY, 2015, p. 33).

O capitalismo contemporâneo e a transestética incorporaram nos diferentes setores de consumo, e conseqüentemente nos setores sociais, as lógicas do "estilo dos sonhos", perfeito, harmônico, inexistente, da sedução e do divertimento unidos ao sucesso e à eficiência. Esse excesso de positividade provoca a falta de alteridade. A sociedade passa a negar a negatividade das pessoas. Sobre isso Han (2015) diz : "A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso, ela é mais invisível que uma violência viral." (p.19) Han chama de violência viral o tipo de violência que atingiu as sociedades anteriores, como doenças e guerras.

Esse exagero na positividade, no sucesso, na beleza e na harmonia cria o que Han chama de "Sociedade do desempenho" (2015, p. 23), desvinculada de negatividade, regida pelo jargão "Yes, we can! (Sim, nós podemos), essa confiança de que se pode tudo gera fracassados, porque seguindo a ideia de que tudo é possível, uma pessoa que não conseguiu algo que queria se vê como fracassada.

Além disso, a "Sociedade do desempenho" e "disneyficada" exclui o que é considerado como incapaz ou como pobreza estética. Pessoas que não se encaixam nessas ideias discutidas a cima, passam a ser vistas como feias, preguiçosas, sem-futuro, frustradas. Mas, como a sociedade é pacífica, a violência sofrida por essa parcela social é velada, fazendo com que a sociedade escolha um dos dois caminhos: submeter-se às normas do consumismo estético e do excesso de desempenho ou escapar dessa rotina e desprender-se da ditadura social, correndo o risco de ser excluído.

Essa exclusão e tentativa de "apagar" as características sociais vistas como imperfeições da sociedade atinge as pessoas que se encaixam nesses conceitos contrários à ideia de sucesso, beleza e vitalidade. É o caso do obeso e do idoso, que muitas vezes são vistos como corpos frágeis, incapazes, preguiçosos e doentes, buscando-se a "cura" ou a amenização dessas características.

As concepções de beleza, observadas anteriormente, orquestram na sociedade contemporânea uma busca pela juventude e pela magreza, com pessoas que escondem sua idade e seu peso, aceitam métodos para emagrecer ou manter-se jovens por mais tempo sem que seja comprovada sua eficácia. Procuram especialistas pensando estarem doentes, se escondem em roupas que cobrem todo o corpo e privam-se de ir a lugares ou fazer atividades por não acharem apropriado para alguém com sua aparência, como ir a piscina ou à praia.

Foucault (2005) vê essa influência que o corpo tem na vida do ser-humano desde os séculos XVII, XVIII e XIX, como uma forma de poder, do próprio indivíduo sobre seu corpo, mas principalmente, da sociedade sobre o corpo de cada indivíduo.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo, só pode ser adquirido pelo efeito do investimento de corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo ... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (FOUCAULT, 2005, p.81)

Com isso, o corpo torna-se objeto de desejo da sociedade. Este era também sinônimo de poder, como no erotismo e na sedução, mas o poder logo gerou o pânico, que colocou em conflito pais e filhos por meio de proibições envolvendo o corpo principalmente em relação à sexualidade da criança. Com o passar dos anos surgiu um novo tipo de proibição, não mais pelo controle com repressão, mas pelo "controle-estimação" (FOUCAULT, p.82), ou seja, só pode mostrar o corpo e usá-lo como forma de poder, quem é magro, jovem e bonito.

A ideia de que a juventude e a magreza são o segredo para uma vida plena está muitas vezes enraizada na mente das pessoas, hoje, porque é incentivada pela mídia e, mais ainda, por discursos relacionados à saúde, com um peso de persuasão ainda maior. Não é toda pessoa idosa ou obesa que não consegue desempenhar atividades físicas, que são doentes ou tem a chance maior de morrer, mas elas estão diretamente relacionadas a essas ideias na maior parte do tempo.

As mulheres por terem uma imagem mais facilmente relacionada aos conceitos de estética, beleza e sexualidade, devido a construção social e história dessa imagem, é ainda mais atingida por esse fenômeno. Elas são mais cobradas a serem bonitas, elegantes, sensuais e saudáveis. Apesar desse padrão de beleza ser uma representação inatingível, existe uma busca por essa perfeição estética e quando uma mulher não está dentro dessas exigências, dessa busca incansável, ela tem mais chances de ser excluída socialmente.

## **2.A mulher obesa nas obras de Fernanda Magalhães e Yossi Loloí**

No primeiro momento, a discussão será em torno da ideia do corpo feminino obeso. Para isso utilizamos os trabalhos A representação da mulher gorda na fotografia (1995) da fotógrafa Fernanda Magalhães e Full Beauty (2010) do fotógrafo Yossi Loloí.

### **Fernanda Magalhães**

A artista nasceu em 1963, em Londrina. Seu pai era jornalista e aos seis anos de idade, ao conhecer um laboratório fotográfico junto com o pai, decidiu que seria fotógrafa. Seu processo criativo se dá a partir de seu próprio corpo e o engajamento nas causas da mulher obesa começou ao sair de Londrina e ir para o Rio de Janeiro. Longe da família, passou a sofrer preconceito e ser excluída socialmente por ser uma mulher gorda. Viu-se então com um dilema: emagrecer para ser aceita socialmente ou aceitar suas formas e lutar contra essa realidade vivida por ela e por tantas outras mulheres. Fernanda escolheu a segunda opção, iniciando o primeiro momento de seu processo criativo, quando não aceitou os padrões impostos pela sociedade, retraindo-se em seu isolamento e exclusão.

Sua primeira série de autorretratos, (Autorretratos no RJ 1993), demonstra esse sentimento de solidão, isolamento, sofrimento e vergonha do corpo. A fotógrafa aparece em todas as imagens, encolhida, sem querer o contato com a câmera, sozinha, com roupas grandes que escondem suas formas corporais, com imagens mais escuras e sombrias. A série foi produzida em seu apartamento, sem mobília na época. É o caso da imagem abaixo, na qual a artista está escondida no canto do cômodo em cima de um colchão com um carrinho vazio ao lado, suas roupas lhe cobrem o corpo e seu rosto não pode ser visto pela lente da câmara.

**Figura 1 - Fernanda Magalhães. Autorretrato no RJ**



**Fonte - Disponível em: <http://www.pap.art.br/midia/t25/3976> Acesso em: 15/08/2019**

Nessa mesma época Fernanda Magalhães iniciou o Projeto Homônimo (1993). Trata-se do início de seus questionamentos a partir das críticas de Louise Lawler<sup>1</sup>, *Statui before Paint* (1982), sobre a Arte como uma instituição que reproduz normas sexuais patriarcais e em Joel Peter Witkin<sup>2</sup>, contrário aos discursos médicos e transcendendo a eles por meio da representação do grotesco de anões, hermafroditas, gordas e outras formas corporais vistas como doências pela medicina na época. Com isso, a artista passou a questionar-se sobre a sexualidade da mulher gorda, as questões de gênero e os discursos médicos a respeito da saúde do obeso. Após aprofundar-se no assunto e construir a ideia de que muito do que se idealiza do corpo obeso não é verdade ela criou a série A representação da mulher gorda na fotografia (1995).

Nesta série, Fernanda Magalhães expõe 28 trabalhos, todos intitulados por "gorda" e o número da fotografia, por exemplo, gorda 1, gorda 2, gorda 3, e assim sucessivamente. Essa nomeação critica a generalização da mulher obesa, como se essa característica fosse seu atributo principal e suas outras características não importassem porque ela é gorda. Frases facilmente ouvidas como: "Ela é gorda, mas..."; "Aquela mulher gorda, ali. "; "Ela é gorda"; "... a gorda" são exemplos dessa generalização.

Além disso, Fernanda critica o fato de a mulher obesa não ser vista sexualmente, afirmando que uma mulher com sobrepeso é tão sensual quanto uma mulher magra, e muitas vezes é mais sensual. Para isso, em suas obras dispõem sua figura nua, em uma posição superior, ao lado de imagens de mulheres magras nuas, inspirando-se no pornô norte-americano.

A técnica usada para produzir seus trabalhos é nomeada por ela como fotografias contaminadas. Trata-se de colagem, ranhuras, manuscritos, recortes, e outros elementos misturados à fotografia original para construir os sentidos das imagens.

A artista fortaleceu seu lado crítico com a série e pôde descobrir melhor qual abordagem buscava com sua obra. Além disso, pôde também se afirmar melhor como uma mulher gorda, perder os receios e vergonhas implantados pela sociedade por ter o corpo que tem. O que pode ser percebido na mudança de seus autorretratos na série Autorretrato no RJ (1993) e em seus autorretratos na série A representação da mulher gorda na fotografia (1995). Na primeira, suas formas aparecem escondidas em roupas que cobriam todo seu corpo, em posições de autodefesa e sofrimento, sozinha, sem voz; já na segunda, suas formas aparecem nuas, sem nenhum pudor ou vergonha de si, ereta e acima de outras mulheres consideradas pela maior parte da sociedade como mais belas que ela, apresenta manuscritos com o que pensa e sente. Nessa fase ela tem voz. Mostrando uma interdependência entre as duas fases, a artista precisou passar por um momento sem voz para conseguir entender a situação-problema, buscar conhecimentos a respeito, fortalecer-se e ter uma voz ativa.

Apesar desse crescimento e empoderamento pessoal, Fernanda tinha em mente que sua luta não era sozinha, mas sim por todas as mulheres gordas, que talvez não tinham voz como ela já não teve um dia. Assim, a maioria de seus autorretratos estão sem cabeça, para mostrar que qualquer rosto pode ser encaixado nas imagens, e que, o problema não é vivido só por ela, mas sim por um coletivo de mulheres.

<sup>1</sup> Artista norte-americana, nasceu em 1947, em Nova York, e graduou-se como bacharel em Belas Artes pela Universidade de Cornell em 1969. Já teve trabalhos expostos no Instituto de Arte de Chicago, no Stedelijk Museum em Amsterdã, no Museu de Belas Artes de Ghent, no Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York. Seus principais trabalhos são fotografias de obras de arte registradas em locais diversos. Esse cenário, visto através da fotografia de Lawler, revela relações sutis entre as obras fotografadas e o que as cerca.

<sup>2</sup> Fotógrafo norte-americano nascido em 1939, tornou-se conhecido por sua estética criando imagens polêmicas a partir do grotesco, muitas relacionadas a experiências pessoais. A temática religiosa mostrada de forma crítica é frequentemente presente em sua obra, impulsionada pela separação dos pais quando criança, devido a incompatibilidade de crenças.

Figura 2 - Gorda 9



Fonte - Disponível em: <http://www.pap.art.br/artista/2806> Acesso em: 16 ago. 2019

Fernanda Magalhães está nua no centro da sua fotografia e em ambos os lados está metade do corpo de uma mulher magra, cada lado com uma metade do corpo. Sua cabeça foi substituída pela cabeça da Vênus de Willendorf<sup>3</sup> e em torno de seu corpo lemos: "A cabeça da Vênus de Willendorf da fertilidade e deusa do colo". A fotógrafa se apropria da deusa para enfatizar que a gordura deve ser entendida como bela e símbolo de fertilidade, lembrando que a identificação da mulher magra como bela nem sempre existiu. Antes dessa relação, as mulheres consideradas atraentes eram as mais encorpadas por uma questão de fertilidade. Segundo Umberto Eco (2003), pelas crenças religiosas e pelo medo de doenças, formou-se a ideia de que a mulher atraente fisicamente e espiritualmente - o modelo de beleza - seria uma moça jovem, frágil e delicada. A imagem da mulher obesa como bela está distante da frequente associação negativa com doenças, preguiça, falta de higiene e piedade.

Além disso, por não mostrar o rosto da artista, entende-se que qualquer cabeça pode se encaixar ali e não é um problema individual, mas coletivo. Ela se encontra em uma altura maior que as metades da mulher magra e sob uma espécie de pódio feita por um recorte de um texto que diz: "Uma outra página enumera uma lista de pedidos aos aliados não gordos. O primeiro: ser vista como um ser humano sexual". Identifica-se aí um desejo em

<sup>3</sup> Esculpida há cerca de 23000 anos em calcário com 11,1 cm, encontrada na Áustria. A Vênus faz parte da coleção do Museu de História Natural de Viena. Os quadris largos representam a fertilidade e o poder de gestação e sedução de seus parceiros. Através de seu ventre, ela também gera, protege e pode parir toda a humanidade e outros deuses, o que contribui para a manutenção do universo. Com seus seios fartos, a deusa nutre, e com seus numerosos braços, protege seus filhos. A Deusa Mãe é a representação das forças da natureza, a forma real e palpável, forças do divino. E através da menstruação, da excitação, do orgasmo, do prazer, da gestação e da amamentação ela cria e transforma tudo à sua volta.

reafirmar sua sexualidade e de protestar contra as associações do gordo com algo distante do prazer sexual, e o "tapa sexo" representado pela colagem em papel rosa reforça essa a ideia.

Depois de A representação da mulher gorda na fotografia (1995), Fernanda Magalhães passou a se ater mais aos discursos médicos e a criticar alguns conceitos de saúde que ajudam a discriminar as mulheres gordas. Com esses estudos, em 2000, fez a exposição Classificação científica da Obesidade, onde expôs fotografias recortadas em tamanho real presas ao teto, só com o contorno dos corpos nus. Seu interior vazado permitia que os observadores vissem uns aos outros dentro desses corpos para mostrar que qualquer pessoa podia se encaixar naquelas formas aparentemente flutuantes. Mais recentemente, Fernanda Magalhães montou a exposição A natureza Viva (2000), performances com corpo nu junto à natureza para defende-la, pensando-a como um ser que também sofre opressão constante, assim como as mulheres gordas; e em defesa ao meio ambiente ameaçado pela sociedade contemporânea.

**Figura 3 – Fotografia da performance Natureza Viva**



**Fonte - Disponível em: <http://www.artesquema.com/2013/11/> Acesso em: 16 ago. 2019**

## Yossi Loloï

O artista nasceu na Itália em 1976, de pais judeus persas, estudou fotografia em Jerusalém, na Escola Musrara de Fotografia e, posteriormente, começou a trabalhar com grandes fotógrafos da moda. O autor conta em entrevistas, como para o site Cultura Inquieta, que nunca se identificou com o mundo da moda e não entendia porque as modelos eram consideradas exemplos de beleza. Sentia-se atraído por mulheres maiores, mas era reprimido.

O fotógrafo defende em seu site que limitar-se ao falar que gosta de mulheres gordas, não ter "liberdade de gosto" e não poder apreciar diferentes formas de beleza também é viver preso em uma ditadura estética e apoiá-la.

Por esse motivo, surgiu o projeto Full Beauty (2010), para mostrar uma forma não recorrente da beleza feminina, focado no glamour e no fetiche, aproximando as mulheres gordas da relação com a sensualidade e sexualidade, ou mesmo, devolvendo a elas esses conceitos que, ao longo da história, foram desassociados de corpos obesos.

**Figura 4 – Fotografia da série Full Beauty**



**Fonte - Disponível em: <http://galeria.obviousmag.org/eros/full-beauty-project/page/2> Acesso em: 15 ago. 2019**

Sobre seu projeto, Loloï diz em seu site que "em meu trabalho retrato o que as mulheres grandes representam para mim. Eu me concentro em sua plenitude e feminilidade, como uma forma de protesto contra a discriminação estabelecida pela mídia e pela sociedade de hoje" (LOLOI, 2017, tradução nossa). Sua obra foi exposta em galerias e estúdios da Itália, principalmente em Milão, onde vive hoje.

**Figura 5 – Fotografia da série Full Beauty**



**Fonte - Disponível em: <http://galeria.obviousmag.org/eros/full-beauty-project/page/2> Acesso em: 15 ago. 2019**

As figuras 4 e 5 fazem parte das 24 imagens que formam a série Full Beauty. Os elementos presentes na figura se repetem em todas as outras imagens da série. Para fazer a aproximação das mulheres gordas com a sensualidade e a sexualidade o artista utiliza de elementos do universo "transestético" (Lipovetsky; Serroy, 2015), como a sofisticação do cenário, aproximando-o de cenários de cinematográficos, elitizando a obra e proporcionando glamour a modelo.

Além disso, faz uso de estereótipos da moda como a pose da modelo, encontrada em muitos catálogos. A posição dos braços promove delicadeza e fragilidade à figura feminina retratada. Também esconde os seios e diminui o tamanho de seus ombros, o corpo parcialmente de perfil também tem a mesma finalidade. São encontrados outros estereótipos como o uso da calcinha preta para buscar uma imagem de sensualidade já pré-construída na mente do observador, que relaciona a lingerie preta de renda com um elemento sexy. A iluminação dourada e a simetria construída com as luminárias, a lareira, os desenhos na parede e a guirlanda contribuem para construir o conjunto harmonioso que disfarça o choque e o incômodo que as formas corporais da modelo fora do padrão provocam no observador.

Percebe-se que Yossi Loloi não desconstrói o estereótipo relacionado à mulher obesa como faz Fernanda Magalhães, também não protesta contra a discriminação da mídia a respeito das mulheres gordas como afirma em seu site. O que o fotógrafo faz é atribuir às modelos obesas elementos dessa cultura estetizada, elementos geralmente associados a modelos magras para provocar desejo no observador. Não para desconstruir esses padrões inatingíveis da "ditadura da beleza", como ele mesmo cita, mas para incluir as mulheres gordas nesses padrões também, o que não colabora para uma quebra de padrões e uma maior liberdade da mulher em relação ao seu corpo. Pelo contrário, reforça a estetização que oprime essas mulheres obesas. Talvez essa não tenha sido a intenção do artista, mas por ter o imaginário da mulher sexy atrelado a esses padrões, acabou reafirmando-os.

### 3. A mulher idosa nas obras de Anastasia Pottinger e Erwin Olaf

Neste segundo momento, a discussão será em torno da ideia do corpo feminino envelhecido e para isso utilizamos os trabalhos Centenarians (2014) da fotógrafa Anastasia Pottinger e Olaf's Mature (2001) do fotógrafo Erwin Olaf.

#### Anastasia Pottinger

A fotógrafa estadunidense estudou jornalismo na Universidade do Missouri com a intenção de obter um diploma em fotojornalismo, mas não concluiu o curso porque mudou para Desenvolvimento Humano e Estudos Familiares. Concluiu o curso na Universidade de Maryland em Washington DC.

Pottinger conta em seu site (Pottinger, 2017) que seus pais lhe deram sua primeira câmera aos 10 anos, uma Kodak 110, para fotografar a primeira viagem que faria sozinha à casa de seus avós na Geórgia. Depois disso, apaixonou-se por fotografia, trabalhou como entregadora de jornais para comprar sua própria câmera de 35mm e participou de todas as aulas sobre fotografia que tinha na escola.

A artista não fotografou mais depois de se formar em Desenvolvimento Humano e Estudos Familiares, área que conheceu sua esposa e teve o primeiro filho. Depois do nascimento da criança, decidiram fotografar a família para documentar. E relata em seu site que depois de voltar a fotografar não parou mais: "depois de brincar com essa câmera e estar inspirada em uma exposição e concurso de fotografia local, (...) eu pensei comigo mesma: 'Eu posso tirar fotos assim.' " (Pottinger, 2017). Anastasia inscreveu suas fotografias em diversos concursos locais e começou a ganhar prêmios, assim decidiu que iria realmente voltar a fotografar, agora, profissionalmente, especializando-se em retrato infantil e familiar.

Em 2014, a artista lançou o projeto Centenarians. Descreve em seu site que a ideia nasceu de uma oportunidade que teve de fotografar uma senhora de 101 anos nua. A mulher queria documentar suas formas de uma maneira bonita. Quando olhou as fotografias no computador, percebeu que se tratava muito mais do que um ensaio casual e decidiu montar a série.

**Figura 6 – Fotografia da série Centenarians**



**Fonte - Disponível em: <https://petapixel.com/2014/05/21/surprisingly-emotive-photographs-of-fer-close-look-100-year-old-human-bodies/> Acessado em 16 ago. 2019**

A partir daí ela fotografou algumas centenárias, registrando seus movimentos e seus detalhes. A fotógrafa conta que mais gratificante do que a proporção que a série tomou são os comentários dos observadores e a emoção que as fotografias proporcionam, porque geralmente fazem lembrar de entes queridos.

**Figura 7 – Fotografia da série Centenarians**



**Fonte - Disponível em: <https://petapixel.com/2014/05/21/surprisingly-emotive-photographs-of-fer-close-look-100-year-old-human-bodies/>. Acessado em 16 ago. 2019**

As figuras 6, 7 e 8 representam as características estéticas da série Centenarians como um todo, pois os elementos presentes seguem um padrão parecido em todas as outras imagens. É possível perceber a retirada da identidade dos corpos nas imagens, porque o plano usado foi o detalhe, não permitindo a identificação dos rostos. Esse plano também permite a valorização das texturas presentes na pele idosa, realçada com a escolha do uso de preto e branco ao invés de colorido.

**Figura 8 – Fotografia da série Centenarians**



Disponível em: <https://petapixel.com/2014/05/21/surprisingly-emotive-photographs-offer-close-look-100-year-old-human-bodies/> . Acessado em 16 ago. 2019

Essa proximidade e o uso do preto e branco faz com que algumas vezes não se consiga definir com clareza qual parte do corpo está sendo retratada, como é o caso da imagem 8. Essa dúvida descaracteriza quase por completo o membro que se torna algo orgânico, podendo ser relacionado com o animal assim como com o humano. As imagens também conduzem uma identificação do observador, por não mostrarem a identidade, e provocam uma reflexão sobre o próprio corpo.

### **Erwin Olaf**

Nascido em 2 de julho de 1959 em Hilversum, na Holanda, Olaf estudou na Utrecht School for Journalism e começou sua carreira artística internacional em 1988; desde então, ele ganhou inúmeros prêmios internacionais. O artista trabalha no campo da fotografia de arte, instalações de vídeo e esculturas. Na sua fotografia de arte, muitas vezes coloca as convenções da fotografia de moda ao serviço de um retrato complexo, muitas vezes inexistente. Sua ênfase é a precisão em todos os elementos visuais (iluminação, cabelo e maquiagem impecáveis), herdada do mundo da publicidade, onde trabalhou em campanhas para grandes empresas internacionais, como Levi's, Microsoft e Nokia.

Apesar disso, Olaf busca alinhar essas representações altamente estilizadas e polidas com um contexto social, abordando tabus sociais e políticos. Outras inspirações do artista para muitas séries de fotografias têm relação com sua vida pessoal, como a experiência de envelhecer, seu relacionamento com sua mãe ou viajar muito e ter de ficar em diferentes quartos de hotel. A relação do artista com o envelhecimento o acompanha desde jovem, o que originou a série 50 Years Old (2009), com três autorretratos simbolizando sua aparência no passado, no presente e no futuro. As fotografias foram nomeadas como "I wish", "I am" e "I will be".

Anteriormente, em 2001, o artista já havia lançado uma série relacionada ao envelhecimento, *Olaf's Mature*, que apresenta mulheres entre 61 e 89 anos que conheceu através de amigos, em trens, em ônibus e através de anúncios colocados por ele. As fotografias são inspiradas nas pin-ups de Alberto Vargas, exibidas nas páginas de *Playboy* nos anos 40. Sobre a relação do artista com o corpo humano, Olaf disse em entrevista para a *Dirty Magazine* que:

Eu gosto de fazer estudos sobre o corpo em todos tamanhos, quilos, comprimentos e todos os tipos porque estou interessado no fenômeno de que o corpo humano é tão diferente. Mais tarde, depois de explorar esta fonte uma e outra vez, tenho me interessado mais pela pele: o envelhecimento da pele e a pele jovem e a beleza de ser jovem, a beleza do envelhecimento. Quando eu tinha 19 anos, já estava estudando minhas rugas. Estou ficando cada vez mais relaxado com isso, mas também é triste. Estou olhando com um olho triste com um homem que envelhece contra a beleza da juventude (MASON, 2017).

**Figura 9 - Mature, Jerry H. 76**



**Fonte - Disponível em: <https://seniorplanet.org/youre-never-too-old-to-pose-as-a-pinup/> Acesso em: 16 ago. 2019**

O fotógrafo contou também que, para ter as modelos com poses inspiradas nas pin-ups, disse a cada uma delas para imaginarem-se lindas pin-ups na década de 1950. O artista pensou essa série como uma volta ao passado, como se aquelas modelos da década de 50 tivessem envelhecido 40 anos, sem que elas saíssem da pose.

**Figura 10 - Mature, Christy T. 66**



**Fonte - Disponível em: <https://seniorplanet.org/youre-never-too-old-to-pose-as-a-pinup/> Acessado em: 16 ago. 2019**

As figuras 9 e 10 fazem parte da série Olaf's Mature. Como pode se perceber, os elementos usados para compor os cenários são objetos antigos; não há nada de novo nas imagens, tudo remete o observador ao ambiente dos anos 40 e 50. Essa relação com o passado carrega o sentimento de nostalgia que é reforçada com as poses inspiradas nas pin-ups (conceito criado por Alberto Vargas, criador dos desenhos e ilustrador da Playboy). Na época, muitas modelos e atrizes foram consideradas pin-ups e se inspiravam nos desenhos, como Marilyn Monroe e Bettie Page. A relação que a imagem traz é de uma passagem de tempo, como se os anos tivessem passado e aquele conceito de mulher tivesse envelhecido. Ao contrário da ideia inicial de um ensaio sensual de mulheres idosas, quando se observa as imagens é criado um sentimento de estranheza, não parece real, a combinação do ambiente antigo, das poses e das mulheres leva à impressão de tentativa de parar o tempo que não deu certo.

## 4.Considerações Finais

Há uma relação entre as obras dos artistas analisados. Todas são representações periféricas em relação aos padrões femininos tratados na atualidade. As séries escolhidas também provocaram estranhamento, curiosidade e questionamentos pessoais nos observadores e na mídia, por isso, suas visibilidades. Além disso, pode-se perceber a influência histórica da representação da mulher na arte em cada uma das obras, seja para questionar, ou reafirmar, conscientemente ou não.

Apesar disso, cada série e artista são distintos entre si. Fernanda Magalhães carrega em sua obra, muito de sua história pessoal, por isso suas críticas tem mais autoridade do que dos outros artistas vistos na análise. Ela, por ser mulher e obesa, consegue expor com mais clareza e engajamento suas ideias a respeito do assunto. Essa propriedade é confirmada também por ser a única obra de autorretratos.

Os outros três fotógrafos transmitem o olhar de quem convive com a repressão do idoso e do obeso, o olhar de quem se preocupa com o tema, reflete sobre os padrões estereotipados, mas não vivenciam essa realidade de periferia social.

Yossi Loloí, ao tentar transgredir aos padrões de beleza impostos nas mulheres, acaba usando esses padrões para "justificar" a beleza nas mulheres obesas.

Apesar disso, essas diferenças não inibem a importância de trabalhos como de Anastasia Pottinger, Yossi Loloí e Erwin Olaf. Assim como o trabalho da Fernanda Magalhães, eles propuseram um olhar diferenciado, muito válido para uma mudança no sentimento de normalização que muitas vezes torna uma beleza como única, marginalizando as outras formas de beleza.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMARAL, Marina Martins. Joel Peter Witkin: Uma produção pluralista nas artes. DAPesquisa, v. 8, n. 10, 2013.
- BURGETT, Gannon. Surprisingly Emotive Photographs Capture 100-Year-Old Human Bodies Up Close. Peta Pixel. Disponível em: <<https://petapixel.com/2014/05/21/surprisingly-emotive-photographs-offer-close-look-100-year-old-human-bodies/>>. Acesso em: 03.ago.2017.
- ECO, Umberto. A história da feiúra. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Gaal, 2005.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópoles: Vozes, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LOLOI, Yossi. Project – Full Beauty. Yossi Loloí Official Website. Disponível em <<http://www.yossiloloi.com/portfolio/fullbeauty-project/>>. Acesso em: 24 maio 2017
- MASON, Shana Beth. Fantasy wanted: photographer erwin olaf on craftsmanship & vulnerability. Dirty Magazine. Disponível em: <<http://dirty-mag.com/v2/?p=8928>>. Acesso em: 03.ago.2017
- MATULA, Felipe. Fotografias em PB de corpos de pessoas de 100 anos ou mais Arte e

criatividade. Zupi. Disponível em: <<http://www.zupi.com.br/fotografias-em-pb-de-corpos-de-pessoas-de-100-anos-ou-mais/>>. Acesso em: 03.ago.2017

MELLO, Júlia Almeida de. A obesidade no processo criativo de Fernanda Magalhães. Gambiarra. Niterói, agosto de 2014, n6.

NEVES, Amanda Alves. Âmbito da arte: uma reflexão sobre a arte e suas relações com o contexto a partir da obra de Louise Lawler. Frutal: Prospectiva, 2016.

OLAF, Erwin. Erwin Olaf Biografia. Erwin Olaf Website. Disponível em: <<https://www.erwinolaf.com/biography>>. Acesso em: 03.ago.2017

POTTINGER, Anastásia. Say What. Rogue Studios. Disponível em: <<http://www.roquestudios.photo/of-note/>>. Acesso em 03.ago.2017

\_\_\_\_\_. About. Rogue Studios. Disponível em: <<http://www.roquestudios.photo/about/>>. Acesso em: 03.ago.2017

VOCÊ nunca é tão velho para se posicionar como um pin-up. Senior Planet. <<https://seniorplanet.org/youre-never-too-old-to-pose-as-a-pinup/>>. Acesso em: 03.ago.2017